

A FORMAÇÃO EDUCACIONAL DO ESTADO COMO FUNDAMENTO DO HOMEM ÉTICO EM ARISTÓTELES

Diego Andrade *

RESUMO

O sistema filosófico de Aristóteles (384 a.C. a 347 a.C.) foi de grande importância para o Ocidente. Contudo, são poucas suas contribuições ao desenvolvimento de um sistema educacional diferente dos seus antecessores, Platão e Isócrates. Por causa dessa interpretação, muitos encontram dificuldades em observar um sistema pedagógico original no corpo aristotélico, e somente identificam uma continuidade das ideias de Platão. Todavia, Henri Marrou (1904–1977) identifica grande contribuição de Aristóteles à educação, ao atribuir ao legislador o ensino pedagógico da sociedade. Assim, este artigo defende a educação do estado como fundamento do homem ético em Aristóteles.

PALAVRAS-CHAVES

Aristóteles. Ética. Indivíduo. Educação.

ABSTRACT

The philosophical system of Aristotle (384 B.C. to 347 B.C.) was of great importance to the West. However, there are few contributions to the development of an educational system different from its predecessors, Plato and Isocrates. Because of this interpretation, many find it difficult to observe an original pedagogical system in the Aristotelian body, and only identify a continuity of Plato's ideas. However, Henri Marrou (1904–1977) identifies Aristotle's great contribution to education, attributing to the legislator the pedagogical teaching of society. Thus, this article defends the education of the state as the foundation of ethical man in Aristotle.

KEYWORDS

Aristotle. Ethic. Individual. Education.



INTRODUÇÃO

A filosofia aristotélica, de modo geral, foi de grande importância na constituição e desenvolvimento de inúmeras áreas do saber: metafísica, matemática, lógica, ética, etc. Entretanto, poucas ou nenhuma são suas considerações quanto à educação, não de maneira direta. É no desenvolvimento da *Política*¹, que o sistema educacional apresenta-se como importante na filosofia aristotélica, pois, podemos observar uma investigação naquela obra acerca do melhor sistema ou estrutura política que seja suficiente para assegurar o bem viver do cidadão.

Nesse sentido, a *Política* no sistema faz parte das chamadas: ciências práticas. As quais obtêm o seu conhecimento através da ação, assim, a ética e a política, em Aristóteles, constituem-se em saberes práticos. A partir disso, podemos observar a necessidade de colocar o desenvolvimento da educação, ainda que breve, na *Política*, ao compreendemos que essa obra investiga as melhores instituições e governos que possibilitam assegurar o bem viver do indivíduo, aquela seria uma das

* Graduado em filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), bolsista voluntário do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC), com o tema: biologia, mecanismo e geração vivípara do animal fêmea em Tomás de Aquino. Um dos membros fundadores da Liga Acadêmica Círculo de São Cristóvão.

1 “Lombard (1994) observa que os livros VII e VIII da *Política*, os únicos escritos substanciais que restaram de Aristóteles sobre educação [...]”. (Cenci, 2018, p. 26).

instituições necessárias nessa investigação, pelo seu caráter moldador. Sendo assim, o estabelecimento da educação torna-se de extrema importância no “sistema institucional” de uma sociedade, de modo a solidificar e preparar os indivíduos para o bem viver em sociedade.

Desse modo, o objetivo deste estudo é defender que sem a educação um saber ético, ou um indivíduo ético, não é passível de existir, pois, os fundamentos ou os caminhos desenvolvidos através da educação do indivíduo idealizado por Aristóteles dão a base na obtenção do saber ético, isto é, em como agir eticamente. Através da educação, o indivíduo adquire o conhecimento que o possibilitam atingir a justa medida, saberes esses que indicam por meio do hábito² (a repetição de algo) a melhor forma de encontrar o equilíbrio entre as paixões e os desejos; assim, a ginástica, a gramática, a artes e a música desenvolvem o homem a identificar e escolher o melhor. Sendo assim, ao ensinar a como escolher e adquirir o melhor, a educação prepara o indivíduo para o saber ético. Ou seja, a educação prepara o homem em como adquirir as virtudes morais.

EDUCAÇÃO: O FUNDAMENTO DO HOMEM ÉTICO

A identificação do pensamento educacional na filosofia aristotélica é de enorme trabalho, pois, diferentemente do seu preceptor, Platão, o tema da educação foi tratado de maneira breve e abrupta na *Política*, nos livros VII e VIII. A partir disso, a observação do papel da educação como base da formação ética fica a cargo dos intérpretes e comentadores em estabelecerem uma relação efetiva daquela na formação ética do homem.

Devemos compreender a educação na filosofia aristotélica em relação ao seu contexto histórico³, pois, a estreita conexão entre a ética e a educação subscrevesse a partir da crise educacional da *paideia* grega.

Suas concepções educativas foram elaboradas num contexto de crise pedagógica. Atenas se encontrava em plena crise, assim [...] [...] como várias outras cidades gregas. Platão e Isócrates⁴, representantes de duas das mais importantes escolas de Atenas da época, já haviam se deparado e tratado desse problema, como já indicamos anteriormente. Desde o século V a.C. a transformação das práticas educativas em Atenas tinha sido grande a ponto de Aristóteles distinguir uma educação nova de outra antiga, de modo a elogiar aquela e lamentar a decadência provocada pelo ensino dos sofistas. O espírito de lucro, presente em Atenas nesse contexto, importava mais que o sentido cívico, o que revelava uma crise de valores estreitamente ligada a uma crise educativa. (Cenci, 2018, p. 28).

A partir dessa citação, podemos compreender em que medida a educação se desenvolve na filosofia aristotélica como importante. Pois, como afirma Cenci (2018), a educação através do lucro, algo desempenhado pelos Sofistas, e também criticado por Platão, colocaram o sistema pedagógico da Grécia em crise, deixando de lado a civilidade, ou o sentido cívico, em prol do lucro. Assim, Aristóteles observa a situação das cidades-estados gregas e visa desenvolver uma educação que desenvolva o caráter ético do indivíduo para com a *pólis*. Pois, para o estagirita, o homem deve estar em consonância com o bem viver (*eudaimonia*) da *pólis*⁵, neste sentido, faz-se necessário uma educação que retome o sentido cívico do homem grego.

Com isso, a proposta do filósofo grego, situa-se em restabelecer o dever pedagógico do Estado, em que esse seria o legislador das condições materiais da educação e a sua implementação. Por conta disso, a educação proposta por Aristóteles caracteriza-se como constituinte de um caráter público, pois, a retomada da educação como dever do Estado deixa evidente a necessidade de uma educação

2 Essa é a melhor forma para compreendermos a noção de hábito em Aristóteles: “a palavra hábito indica, em última instância e enquanto disposição para o agir de uma determinada maneira, algo desenvolvido e incorporado de forma estável pelo homem para além da necessidade natural” (Cenci, 2018, p. 50). Através da experiência que o hábito se desenvolve e “permanece” como uma habilidade no homem. Por isso, “Para Aristóteles é o hábito, e não a natureza, o que permite o desenvolvimento da virtude moral, pois ‘nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito’ (EN, II, 1, 1103a)” (*Ibid*).

3 Como cita Aristóteles acerca da situação da educação em Esparta, em que a legislação busca uma educação específica e, não, geral, na qual o indivíduo aprender todas as virtudes: “Assim acontece em Esparta e em Creta, onde a educação e grande parte da legislação são estabelecidas em função das guerras” (Pol., VII, 2, 1324b - 5-10).

4 Esse foi um dos formadores e sábios do saber educacional da Grécia Antiga, sobre ele, Pagotto-Euzebio (2018, p. 3): “Isócrates se define, antes de tudo, como professor. Um mestre orgulhoso de sua profissão. Orgulho, ao que parece, justificado pelo testemunho que nos dão os que escreveram sobre ele já na Antiguidade [...]”.

5 “[...] a felicidade do indivíduo e a da cidade são a mesma” (Pol., VII, 2, 1324a - 5).

“universal” e cidadã⁶. Como afirma, Cenci: “É da educação pública que Aristóteles se ocupa, a qual é idêntica para todos os homens livres para estarem em condições de tomarem parte das tarefas públicas, assembleias, etc.” (Cenci, 2018, p. 31).

Todavia, a possibilidade da efetividade da educação também deverá ser um dever da família, Aristóteles compreende que a família deve auxiliar que a educação estabelecida pelo Estado seja seguida. Neste sentido, a família não deverá ensinar seus filhos da sua maneira que, algo que estava ocorrendo na sociedade grega⁷, assim, “os pais retomam o lugar educativo subordinado que eles tiveram no passado”, pois, ao colocar a família como subordinada a educação legislada pelo Estado, Aristóteles “fortalece, ao mesmo tempo, tal poder, colocando-o sobre uma base nova e mais sólida” (Cenci, 2018, p. 29). Por conta disso, a ideia de uma educação “universal” torna-se possível, pois, aquilo o que será ensinado, será ensinado igualmente.

Através da ideia de uma educação “para todos”, Aristóteles pensa a educação como humanista, ao compreender que a educação deve prover os materiais, os métodos e os programas que possibilitem o desenvolvimento das capacidades (faculdades ou habilidades) de todos os indivíduos. Como afirma Lombard (1994, *apud* Cenci, 2018): “a educação aristotélica ‘define as disciplinas, os programas, os métodos que exprimem perfeitamente a aspiração humanista para o ‘homem total’, que está, por essência, para além de toda educação e não se conquista senão pela cultura [...]’”. Assim, o ideal humanista presente na filosofia aristotélica compreende o homem como alguém que tem um fim (*telos*), o qual deve ser alcançado a partir da virtude (a base da ética aristotélica) e do prazer, pois, através delas, os homens serão virtuosos⁸ e bons. Por isso, a educação visará sempre um sistema das virtudes morais, como observa Cenci (2018, p. 31): “o ideal humanista de uma educação voltada à formação moral também decorre de Aristóteles e de sua insistência em mostrar que a filosofia e a pedagogia tinham por finalidade cultivar um determinado tipo de vida e um sistema de virtudes morais”.

Com efeito, a educação⁹ torna-se necessária na cidade pelo seu caráter moldado, por ser através da educação que o legislador poderá moldar os cidadãos, em torná-los equilibrados e, conseqüentemente, ter uma cidade equilibrada. Por isso, Aristóteles afirma: “Definimos já, pois, que condições é necessário terem os cidadãos, para serem mais facilmente moldados pelo legislador. Tudo o mais diz respeito à educação, em parte pelo hábito, em parte por instrução” (Pol., VII, 13, 1332b). Aristóteles estabelece nessa passagem o papel central da educação na formação dos cidadãos, a partir do momento em que o legislador determina as condições possíveis para os cidadãos poderem desenvolver, a educação fará todo resto, por meio do hábito ou por meio da instrução, moldará os indivíduos a buscarem o fim último da humanidade, a felicidade (*eudaimonia*)¹⁰. Para Aristóteles, a educação seria um processo no ensino da aplicação e da atualização das virtudes¹¹, as quais são encontradas através da justa medida, ou da moderação.

Entretanto, para podermos encontrar o equilíbrio e sermos cidadãos virtuosos, a educação deve nos ensinar a controlar as nossas emoções (parte da alma irracional) e, a ouvir a nossa razão (parte racional da alma), por isso, o sistema educacional deve dedicar-se no ensino da moderação, da justa medida, em ensinar pelo hábito ou pela instrução a melhor forma de agir conscientemente, isto é,

6 Significa: “aquele que pertence a uma comunidade; que tem consciência dos direitos e deveres políticos e sociais; que toma decisões políticas e que tem responsabilidade cívica” (Barbosa, 2018, p. 65).

7 “O resultado é que à época cada um vivia e educava seus filhos como bem entendesse, de modo que os jovens cresciam divididos ao invés de estarem unidos na busca de um ideal comum. A educação mais e mais se impregnava de um espírito utilitarista, perdendo de vista a formação do cidadão” (Cenci, 2018, p. 25).

8 “A felicidade se encontra na própria ação virtuosa; o homem feliz está sujeito a enfrentar coisas boas e ruins, mas o que o tornará feliz de fato será a maneira como enfrentará estas situações” (Cesar, 2018, p. 7).

9 Como observa Barbosa (2018): “a educação é a orientação para a prática do bem e uma atividade racional que age como reguladora das paixões, preparando o indivíduo para uma consciência ética e cidadã”.

10 “[É] o hábito ininterrupto da prática da virtude e da prudência. Por sua natureza, os homens almejam o bem e a felicidade, no entanto, esta busca só poderá ser alcançada mediante a virtude. [...] Nesse sentido, o homem feliz é aquele que sabe escolher com sabedoria o que é melhor e mais adequado para si” (Silva, 2018, p. 80).

11 “O homem é um ser racional, é capaz de ser virtuoso, pois as virtudes estão nele em *potência*, mas precisam ser atualizadas. [...] A efetivação das virtudes se dá através de ações repetitivas, ou seja, por meio do hábito” (Barbosa, 2018, p. 63). Como a filosofia de Aristóteles tem relação com a sua metafísica, aqui retoma-se a interpretação de “ato e potência” da filosofia aristotélica, por isso, a necessidade do hábito na efetivação ou atualização das virtudes.

em escolher a melhor maneira de agir. Assim diz Aristóteles: “é preciso realizar actos necessários ou úteis, mas ainda mais ações honrosas. Estes são os objetivos da educação para as crianças e nas demais idades que requerem formação” (Pol., VII, 14, 1333b). Com isto, observamos que a educação deve estar diretamente relacionada a uma ética, ou a um sistema de virtudes morais, na busca por uma sociedade virtuosa, pois, somente assim alcançará a felicidade.

Neste sentido, compreendemos que a educação no sistema aristotélico das virtudes se fundamenta em uma necessidade primeira, ou na base de uma sociedade que busque ser justa. Pois, antes que atingirmos a justa medida, ou as virtudes, necessitamos de um moldador dos hábitos, algo que direcione a nossa inteligência e razão no “bom agir”, sendo assim, a educação ou “o ensino demanda a inteligência e não poderá ser dispensado antes que a razão esteja desenvolvida de modo satisfatório” (Cenci, 2018, p. 34). Por conta disso, existe toda uma estrutura de ensino que contempla as fases do desenvolvimento do ser humano, de modo a proporcionar o maior desenvolvimento da razão, sendo a pedagogia ativa e passiva. Uma busca preservar a educação da infância das crianças até os sete anos e, a outra, visa implementar progressivamente o esforço como parte da aprendizagem e do estudo. A partir disso, Aristóteles estabelece os saberes que devem estar na estrutura educacional, a saber: gramática, ginástica, música e desenho (artes).

Esses saberes essenciais, para Aristóteles, são as maneiras da educação conduzir os homens, ou cidadãos no equilíbrio das paixões, ou em desenvolver a capacidade de cada homem para determinar a justa medida das suas ações. Por exemplo, o papel da ginástica, ou do cuidar do corpo, visa estabelecer uma relação harmoniosa entre esse corpo físico e a alma que nele habita, assim:

Os que sobrecarregam as crianças com demasiados exercícios, privando-as de aprender aquilo que é necessário, na verdade reduzem-lhes as capacidades, pois tornam-nas úteis para exercer uma só função de cidadão, e mesmo essa fica inferior a outras, como atrás referiu. (Pol., VIII, 4, 1338b).

Por conta disso, a educação do corpo não pode ser uma atividade exclusiva dos homens, algo que sempre deve ser feito demasiado, sem desenvolver nos cidadãos as outras potências que nele existem. Por isso, Aristóteles observa que poucos espartanos ganhavam os Jogos Olímpicos, pois ficavam reféns das suas próprias capacidades físicas, sem ter outros tipos de saberes. Assim, como afirma Cenci (2018, p. 40): “a primazia, em termos de educação do corpo, deve ser dada ao “sentimento de nobreza”, e não à “brutalidade animal”, pois quem enfrenta nobres perigos é um homem de caráter nobre, e não uma fera selvagem”. Neste sentido, os exercícios têm uma função estética, mas também é benéfico ao corpo, em formar um homem de caráter nobre (forte, corajoso, etc.), e em manter o corpo saudável para outras atividades.

Quanto a gramática e o desenho, ambas possuem um caráter mais técnico, diferentemente da ginástica e da música. A partir da gramática ou das letras, aprendemos a escrever, a ler e calcular, tendo em vista a sua necessidade na sociedade, para as relações políticas, comerciais e econômicas. Do mesmo modo, ocorre com o desenho que tem na sua necessidade a melhor maneira de deleitar-se nas produções dos artífices. Entretanto, no caso da música, descobrir sua necessidade na educação, ou se ela é educação, suscita “um breve” discurso para Aristóteles, pois, ele tem em vista saber se a música é um jogo, divertimento ou parte da educação:

O que primeiro interessa indagar é se a música pode ou não ser incluída na educação, e se têm razão de ser os três aspectos há pouco abordados, a saber: se a música é educação, jogo ou divertimento. Pode incluir-se em qualquer destas três ordens, pois é manifesto que participa em qualquer delas. (Pol., VIII, 5, 1339b).

A partir dessa citação, podemos observar que o filósofo grego não sabe ao certo em qual tipo de “saber” deve-se colocar a música, pois, a música participa de todos os três tipos abordados por ele. Nessa perspectiva, a necessidade de saber qual o lugar de pertencimento da música diz respeito ao seguinte:

A preocupação de Aristóteles em conceber a música em seu papel educativo, não profissional, deve-se ao fato de que a evolução da música grega se transformara em algo tecnicamente sofisticado em razão de que seu domínio fora muito além do que era possível a um amador, de modo que sua aprendizagem

exigia um esforço limitado a poucos especialistas. Como a educação visa ao aperfeiçoamento individual, ela se torna incompatível com uma formação técnica, pois nesta quem executa a música não o faz em vista de seu aperfeiçoamento, mas do prazer de quem o escuta. (Cenci, 2018, p. 41).

Por isso, compreender se a música é educação tem por necessidade conhecer em que medida aquela auxilia na formação dos homens, na constituição de um saber prático e justo. De modo geral, a música é os três aspectos citados; entretanto, na educação a música pretende-se formar e capacitar o indivíduo a escolher o melhor, isto é, será através da aprendizagem da música que os homens saberão escolher o melhor dos prazeres, como afirma, Aristóteles: “ela [música] [...] orienta o educando para a virtude na medida em que [...] [habitu]a o homem a gostar dos prazeres de bom gosto” (1997 *apud* Cenci, 2018). Com isto, a música não somente auxilia na formação moral dos indivíduos, mas na harmonização dos prazeres, no fortalecimento da alma¹², em levá-la ao estado de harmonia¹³. A partir da educação e da sua necessidade na sociedade que compreendemos que o objetivo do filósofo grego ao tratar da educação na ética e na política, ainda demasiado pouco, mas de forma sutil, evidencia que através da educação que podemos capacitar os indivíduos a seres éticos, como observar Cenci (2018, p. 44):

Para os antigos o indivíduo se definia por referência a algo maior que si próprio, a saber, seu povo, o clã, a polis, etc. Para os gregos essa referência para a constituição da identidade era a comunidade política, o que explica a afirmação de Aristóteles de que o homem é por natureza um “ser vivente político” (*zoonpolitikon*) (Pol., I, 2, 1253a; EM, IX 9, 1169b). Um homem que por natureza não fizesse parte da comunidade política seria um animal ou um deus, pois estaria abaixo ou acima da condição humana. O objetivo da polis era o bem viver, o qual se identifica com a finalidade maior da própria educação. Para explicitar o que é o bem viver (*eudaimonia*), o modo de vida mais elevado a ser aspirado [...].

Além do seu caráter educativo e harmônico, o objetivo da educação, como da ética, da política, visão o bem viver do homem, ou seja, visa a obtenção da *eudaimonia*, aquilo que comumente chamamos de felicidade. Este é o bem mais almejado pelo homem na filosofia aristotélica, e nada existe para além dela. Nesse sentido, todo homem através das suas capacidades e potencialidade almeja a sua felicidade e da polis¹⁴. Por isso, compreende-se que ao estabelecer a felicidade como finalidade e parâmetro, o indivíduo se utiliza da educação na construção do melhor modo para o bem viver, isto é, através da educação o ser humano adquire uma virtude moral, pois através do hábito, base de toda aprendizagem ou pelo processo educativo, a alma cultivar as virtudes, ou seja, alcançará o saber ético. Na filosofia aristotélica existem dois tipos de virtudes, a saber: a intelectual e a moral. A primeira, diz respeito às virtudes que podemos adquirir através do ensino, da experiência e com o tempo, as virtudes intelectuais são os saberes ensinados aos homens através da instrução e aprendizagem educacional. Por outro lado, as virtudes morais são adquiridas pelos homens através do hábito, aquela não é “engendrada no homem por natureza, mas esta fornece a capacidade de receber a virtude e esta capacidade é aperfeiçoada pelo hábito” (Aristóteles, 1997, *apud* Cenci, 2018). Sendo assim, as virtudes morais, por exemplo, coragem, temperança, etc.; somente podem ser alcançadas através do hábito, assim, a educação capacita o homem a obter as virtudes e por meio do hábito ele as aperfeiçoa:

O princípio da formação de hábitos em consonância com a virtude tem uma enorme importância para a compreensão da relação entre virtude e educação. As ações humanas devem ser desenvolvidas de

12 “Aristóteles aproxima o prazer musical ao prazer das virtudes, pois este fortalece a alma do mesmo modo como a ginástica fortalece o corpo. Há dois prazeres associados à música: o da distração e o da felicidade, e este último leva, pelo o ensino da música, ao cultivo da alma” (Cenci, 2018, p. 43). Por isso, compreendemos que a educação é essencial na formação do homem ético, pois, a educação condiciona-o em direção ao bem supremo, a felicidade.

13 “A capacidade de a música fomentar a virtude justifica o seu lugar de destaque na educação aristotélica. Ela se constitui num modo de ação sobre a formação moral, e o prazer mais importante que ela provoca é o que torna a alma acessível em razão de que esta é harmonia” (*Ibid*).

14 “Para Aristóteles, a realização da perfeição não é objeto exclusivo de uma só pessoa, ou seja, de um indivíduo. Ela depende do acordo comum entre os seres humanos, pois o fim fixado por uma pessoa deverá, necessariamente, esbarrar no fim estabelecido por outra pessoa, causando vários problemas e conflitos. [...]. Ora, o bem comum é mais nobre e perfeito por que propicia a todos o direito de participar das conquistas e não somente a um único indivíduo [...]” (Rodrigues, 2009, p. 60 e 63). Sendo assim, a felicidade almejada pelo indivíduo deve estar consoante a felicidade do bem comum.

uma maneira predeterminada, ou seja, orientadas de modo prévio e consciente, uma vez que as ações correspondem aos hábitos. Por essa razão, observa Aristóteles, “não será pequena a diferença [...] se formarmos os hábitos de uma maneira ou de outra desde nossa mais tenra infância; ao contrário, ela será de uma importância muito grande, podemos dizer mesmo decisiva” (EN, II, 1, 1103b). O hábito deve ser a principal forma para educar o indivíduo na prática da virtude porque não existem regras predeterminadas acerca de como uma pessoa virtuosa deva atuar. As ações somente serão virtuosas se o agente as adquiriu adequadamente pelo hábito, isto é, se foi educado por e para elas. (Cenci, 2018, p. 51).

Através dessa citação, podemos compreender em que medida a educação é a base da ética (ou das virtudes) na teoria ética aristotélica. A partir da relação estabelecida pelo filósofo grego entre o hábito e a virtude moral, Aristóteles evidencia o papel decisivo da educação no modo em se obter as virtudes através do hábito. Pois, como afirma Cenci, o hábito é o principal modo de educar ou ensinar os indivíduos, a melhor maneira em se adquirir habitualmente a prática da virtude, pois, as virtudes morais não possuem regras ou normas que determinem como o agente ético deve agir. Por isso, o agente ético, na filosofia aristotélica, somente “faz” ações virtuosas quando aquele pelo hábito o melhor modo de adquirir as virtudes.

Se o hábito é o modo pelo qual adquirimos a virtude moral, aquele sendo desenvolvido e aperfeiçoado pela educação, esta a partir do seu ensino da harmonia (evidenciado pelo saber musical), leva-nos em direção à noção aristotélica do “meio-termo”¹⁵, em que este será o principal parâmetro na obtenção das virtudes morais:

Se o hábito é o modo como a virtude moral pode ser adquirida, o meio-termo é a forma como ela é encontrada e preservada e, por outro lado, é destruída pela deficiência ou pelo excesso (EN, II, 2, 1104a). Esse é um aspecto de fundamental importância para a ética aristotélica e também para sua concepção educativa, pois não pode haver virtude nem caráter virtuoso onde há excesso ou falta. A virtude implica mediania, o meio-termo entre dois extremos. (Cenci, 2018, p. 53).

Assim, sendo o hábito o modo como as virtudes morais dos homens são adquiridas, o meio-termo será a forma pela qual encontramos aquelas e as preservamos em nosso saber, elas são encontradas quando não existe falta ou excesso. Por exemplo, quando alguém tem medo de tirolesa, ele seria covarde por Aristóteles, mas se ela não tem medo nenhum da tirolesa, ele seria precipitado demais, sendo assim, não diríamos que ele é corajoso, mas imprudente ao existir um risco em pula de tirolesa. Nesse sentido, esse indivíduo seria corajoso ao se encontrar o meio termo entre a covardia e a imprudência, encontrando assim a coragem. Entretanto, somente através do hábito desenvolvido pela educação que o indivíduo alcançaria a mediania, e adquiriria as virtudes morais.

Entretanto, alguns podem observar um certo relativismo na noção do meio-termo, pois, não existindo regras que determinem como as ações do agente virtuoso devem ser, supõe-se que aquele determinaria suas ações, exclusivamente pelas suas emoções, entretanto, não é desse modo que deve ocorrer, o agente moral escolhe agir de determinado modo em consonância (conformidade) com a razão¹⁶. O meio-termo é um modo da agente moral deliberativamente alcançar racionalmente a virtude de modo que a ação seja virtuosa:

O meio-termo deve ser determinado como o determinaria o homem prudente, o homem de sabedoria prática. Trata-se de agenciar a justa medida como o faria o *phrónimos*, uma vez que a virtude requer que a ação seja levada adiante de forma deliberada e por isso é determinada racionalmente e requer um

15 Sobre esse termo, Aristóteles, No Livro II da Ética a *Nicômaco*, afirma o seguinte: “assim, um mestre em qualquer arte evita excessos e faltas, mas busca o meio-termo e o escolhe — não o meio-termo no objeto, mas relativamente a nós” (Aristóteles, 2021, p. 55). Através dessa citação, observamos que o filósofo grego colocará a virtudes ou *areté* num meio termo.

16 “A primeira vista nos deparamos, no meio-termo em relação a nós, com um relativismo. Todavia, há que se ressaltar que a definição deste termo médio da ação não depende apenas da vontade arbitrária do agente. Há, sim, uma margem (latitude) que se localiza entre os extremos onde este meio é agenciado, e, para tal, tem-se de levar em conta as circunstâncias, mas o meio-termo tem de estar em consonância com a reta razão. Esta está associada ao bom funcionamento da inteligência prática, que é a parte racional da alma encarregada de orientar as coisas variáveis e intervir nas escolhas do agente. Como a virtude moral é entendida como uma disposição capaz de escolha e a escolha é um desejo deliberado, para que a escolha seja boa a razão deve ser verdadeira e o desejo deve ser correto, ou seja, precisa haver consonância entre o que a razão afirma e o que o desejo persegue” (Cenci, 2018, p. 53). A partir disso, observamos novamente a ideia de harmonia entre a parte racional e a parte emocional das almas, algo necessário para um indivíduo ético, e somente alcançado através do ensino pedagógico.

conhecimento prático. A virtude moral é definida então como uma disposição para a escolha, a qual é um desejo deliberativo, isto é, calculado, racional. A escolha envolve o desejo por um fim e a razão. Esta atua para descobrir os meios adequados ao fim desejado. A ação humana deve ser duplamente orientada: de um lado tem-se de ajustar o desejo (*orexis*) e a razão (*logos*) para que o homem não seja presa de suas pulsões; por outro, é preciso que o *logos* seja correto (*orthos logos*), pois do contrário não poderá orientar adequadamente o desejo e, depois, a ação. (Cenci, 2018, p. 55–56).

Como alcançar a justa medida, se falta o saber prático, pensando como o “homem prudente” ou “o homem de sabedoria prática” agiria, a partir disso, podemos encontrar o meio termo entre às nossas emoções, mas somente na execução da ação prática, que o homem poderá saber se a sua ação foi virtuosa. Na ética aristotélica é necessário que as ações sejam praticadas por completo, para podermos identificar ou encontrar a justa medida. Além disso, devemos ter em mente que o desejo (vontade) entra em no “cálculo” moral, mas não deve ser o fator determinante das nossas ações, pois, estas devem estar conforme a reta razão, que indica os meios mais adequados para alcançar o que se deseja (fazer tal ação). Através da citação acima citada, a evidenciamos por qual razão a educação é o fundamento¹⁷ da ética aristotélica. Ao sabermos que a razão necessita do “*logos* correto” (*orthos logos*), o qual tem por finalidade conduzir corretamente as ações do agente moral, evitando que esse recorra às pulsões ao invés da razão como melhor meio para determinada uma ação. O “*logos* correto” somente pode ser desenvolvido através de uma educação que capacite a inteligência de cada indivíduo na obtenção prática das virtudes, por meio do “saber” do hábito, o qual é desenvolvido pelo ensino educacional.

Além disso, outro fator importante na ética e educação em Aristóteles, é o prazer, este auxilia todos os indivíduos a desempenharem e fazerem o bem das suas atividades com prazer, “Cada atividade é intensificada pelo prazer que lhe é próprio, uma vez que cada classe de coisas é mais bem avaliada e levada à precisão por aqueles que se envolvem com o prazer na atividade [...]” (Aristóteles, 2021, p. 315). Sendo assim, o prazer é um fator determinante na ação ética e dentro da educação. Pois, se as nossas ações visam o bem, e ao fazer essas ações temos prazer, sempre visamos praticar ações boas, a fim de sentir o prazer novamente:

O prazer tem um papel fundamental para a aquisição da virtude moral. Ele é um meio da ação educativa que complementa o hábito, pois o acompanha e é seu indício. Como a ação mais completa é, ao mesmo tempo, a que dá maior prazer e agrado, chega um momento em que a facilidade em realizá-la e a satisfação que ela gera ao agente fazem desaparecer todo caráter coativo. (Cenci, 2018, p. 65).

A partir disso, torna-se fundamental que conjuntamente ao hábito que a educação desenvolve, deve-se “desenvolver” o prazer pelas atividades que devem ser feitas, seja as virtudes intelectuais ou virtudes morais. Esta, principalmente, por existir no indivíduo a obtenção do prazer e do agrado por uma ação praticada, vista como boa. Deseja-se produzir através das ações morais uma sensação de prazer e agrado pela completude da ação. Por isso, o prazer é “[...] uma espécie de mola propulsora das ações humanas e é condição para a eficácia da ação educativa” (Cenci, 2018, p. 65).

Ademais, tanto a ética quanto a educação possuem um único fim, a saber: a felicidade ou o bem viver do indivíduo e da *polis*:

Eudaimonia é o modo de vida mais elevado a ser almejado pelo ser humano. É o ápice do que pode ser aspirado pelas possibilidades humanas, o que significa que não há nenhum bem para além dela. Tudo o que for considerado valioso para o desenvolvimento da vida humana deve ser definido tomando-a como parâmetro. Não fosse assim, o sujeito poderia confundir um modo de vida relativo com o mais elevado e completo. É um modo de vida autossuficiente, visa a uma existência completa, integradora, procurando equilibrar todos os fins e atividades humanas sem depender exclusivamente de nenhum outro modo de vida parcial, qualquer que seja (EN, I, 7). O seu alcance, todavia, depende do cultivo da alma mediante a virtude, algo diretamente vinculado ao processo educativo. (Cenci, 2018, p. 50).

A *eudaimonia* é o modo de vida que todo indivíduo busca alcançar, é o ponto mais alto da vida humana, não existe nada para além da felicidade. Esta é algo que está na finalidade de todo ser humano, ele não somente visa alcançar, mas deseja “loucamente” a obtenção da felicidade. Para

17 “A educação é essencial para o bem estar do corpo e da alma, pois, além da saúde do corpo, ela influencia as ações das pessoas diante da responsabilidade social.” (Barbosa, 2018, 64).

Aristóteles, é através dessa constatação que o filósofo grego percebe que tudo feito pelo homem em todas as suas atividades utiliza-se da felicidade como parâmetro para determinar seu modo de vida. Sendo assim, a ética aristotélica tem por finalidade a felicidade do indivíduo, algo natural de todo indivíduo, por isso, devemos ter a compreensão que a ética do filósofo grego é saber o que bem (felicidade), e como podemos alcançar essa felicidade. Não é uma ética normativa, mas uma investigação sobre a felicidade e como possuí-la. Entretanto, a possibilidade da sociedade alcançar a felicidade (bem viver), somente pelo ensino e aprendizagem desenvolvida pela educação, é o fundamento da ética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema educacional proposto por Aristóteles para muitos historiadores não apresenta nada de original ao ensino pedagógico da sua época, repetindo a mesma estrutura dos seus antecessores, Platão e Sócrates, porém, para outros, o filósofo grego contribui de maneira original ao atribuir ao legislador o papel de estabelecedor do ensino pedagógico na sociedade.

De modo, que a educação seja um “direito” de todo cidadão e um dever do estado. Por conta disso, a educação aristotélica visa o desenvolvimento das aptidões de todo cidadão na sociedade, em um ensino “público”. O ensino pedagógico para todos possibilita que todo cidadão adquira os modos e meios para encontrar o bem viver na sociedade. Nesse sentido, a educação desenvolvida por Aristóteles obtém um caráter humanista, em que se observa em todo ser humano um fim (*telos*), neste caso, a felicidade (*eudaimonia*).

Através da compreensão de que o indivíduo possui um fim, a educação encontra-se na função de capacitar o ser humano na obtenção desse fim, no caso da educação em sua relação com o saber ético, visa desenvolver a capacidade do indivíduo em adquirir as virtudes morais. Por isso, o sistema educacional se fundamenta em quatro saberes: a gramática (letras), as artes (desenho), a ginástica e a música. Esses saberes desenvolvidos através da educação estatal, por meio do hábito, ensinaram aos indivíduos os melhores meios de atingir a justa medida entre as paixões e os desejos. Por exemplo, por meio da música os homens poderiam encontrar o modo de escolher o melhor, se uma música anima o ódio, e outra a calma, ao saber escolher através da música a justa medida entre essas paixões, o homem aprenderia a escolher o melhor. Com isto, a educação capacita os cidadãos a controlar as paixões e a escolher o melhor.

Essa possibilidade da educação se estrutura através da noção de hábito, quando compreendemos que por meio da repetição de algo, ou seja, ao repetirmos uma mesma ação, descobrimos de algum modo que essa ação é uma ação justa, dependendo de cada situação, o hábito indica o melhor modo de obter através dessa ação aquilo de essencial, a virtude. Nesse sentido, a virtude e o hábito possuem uma relação estreita. Pois, o hábito é a maneira ou o modo pelo qual cada indivíduo pode obter as virtudes morais, ou seja, somente através da prática repetitiva podemos adquirir as virtudes morais. Ademais, o meio-termo, ou a justa medida, será a forma que encontraremos por meio do hábito, assim, chegando à virtude. Ser virtuoso, em Aristóteles, é ser um indivíduo que sabe a justa medida, um indivíduo equilibrado, que encontra entre a falta e o excesso, a virtude, agindo assim da melhor maneira. Porém, a possibilidade desse saber ético ou agir ético de todo cidadão encontra-se fundamentado e fundamenta-se pelo ensino educacional de todo cidadão, sendo impossível existir uma sociedade sem educação que seja ética.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. **Política**. Edição Bilingue. São Paulo: Vega, 1998.

ARISTÓTELES. Ética a **Nicômaco**. Jandira: Principis, 2021. *Livro eletrônico*.

BARBOSA, P. S. C. Introdução ao estudo da felicidade segundo Aristóteles. **Revista Saberes**, Natal, RN, v. 19, n. 2, agosto, 2018, p. 60–68.

Cenci, A. V. **Aristóteles & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. *Livro eletrônico*.

CESAR, R. P. A ética aristotélica. **Revista Pandora Brasil**, n. 38, janeiro, 2012, p. 1-13.

PAGOTTO-EUZEPIO, S. M. Isócrates, professor de *philosophía*. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 44, 2018.

SÁNCHEZ, A. V. **Ética**. 37. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

SILVA, E. J. A ética aristotélica como caminho que conduz o homem a felicidade plena. **Revista Húmus**, v. 3, n. 7, jan. – abr., 2013, p. 74–86.

RODRIGUES, C. E. Ética aristotélica: finalidade, perfeição e comunidade. **Polymatheia**, v. 5, n. 7, jan./jun., 2009, p. 51–67.

